

Exilio e criatividade.

(Viagem brasileira, novembro 84).

Nao falarei nas conotacoes religiosas que o termo "exilio" sugere. Mas tais conotacoes devem acompanhar estas reflexoes todas "sotto voce". Que nao se esqueca, ao le-las, que para os cristaos somos exilados do paraíso, e para o misticismo judeu o espirito do Senhor esta exilado no mundo. Nao falarei nisto, porque meu proposito e discutir a relacao entre o exilio e a criatividade.

Eis a hipotese que submito: O exilado foi expulso do seu contexto habitual, da morada que habitava. Pois o habito e cobertura que esconde. No contexto habitual apenas percebo mudancas: as estruturas permanentes sao imperceptiveis. Isto e: apenas modificacoes informam, e todo o resto e redundante. O exilio e inhabitual e inhabitavel. Tudo nele informa, nada e redundante. O exilado se ve obrigado a processar tal superabondancia de informacoes, sob pena de ser engolido por ela. Questao de vida ou morte. Ora: processar "dados" e sinonimo de criatividade. O exilado se ve obrigado a criar ou morrer.

.....

Antes de examinar minha hipotese, devo acentuar que estou valorizando o exilio positivamente, (na medida na qual criatividade é considerada valor positivo). Pois tal valoracao nao é habitual, e portanto é "informativa". Obriga a repensar preconceitos, a "processar dados". Exemplo de tal processamento: o perseguidor nao estaria favorecendo o perseguido, ao obriga-lo a criar, e isto contra a intencao de ambos? (Por certo: o perseguidor se revela, sob a hipotese proposta, sujeito desprezível. Expulsa elemento perturbador para preservar o habito desinformador que o encobre.) Outro exemplo de tal processamento: os que simpatizam com o exilado, querem que possa voltar ou que se assimile, nao estariam fazendo com que o exilado se torne tao habitual, ordinario, desinformativo quanto o sao eles? O proposito destes exemplos e o de ilustrar quanto toda informacao nova perturba, o quanto machuca.

Este ensaio esta sendo escrito por quem foi exilado varias vezes. Por quem pois conhece tal sofrimento por excesso de informacao, e tambem a sombra que acompanha tal sofrimento: a saudade. Por isto, este ensaio vai elogiar o exilio: sem tal sofrimento nada pode ser criado.

.....

O habito é anti-estetico, (de "Aisthethai"=perceber), porque impede que o mundo seja percebido. Anestesia. Pois isto e agradavel: a consciencia sossega. Ao esconder toda informacao, (todas as irregularidades que machucam), o habito e bonito. Tal bonitez do contexto habitual e uma das fontes do patriotismo, (o qual confundo bonitez com beleza). Quando a cobertura do habito e retirada violentemente, (exilio), a gente descobre. Tudo passa a ser percebido e demonstravel = "monstruoso". Os gregos chamavam tal descoberta pelo termo "a-letheia", o qual traduzimos por "verdade". O exilado foi empurrado rumo a verdade.

Basta, para visualisarmos isto, contemplarmos a nossa mao direita com o movimento dos seus dedos como se fossemos marcianos. Que monstro octopodal, que massa de informacoes novas. Por certo: jamais somos efetivamente

expulsos da nossa condicao corporea, e o corpo e, muitas vezes, a unica coisa habitual, bonita, que levamos para o exilio conosco. Nao obstante: o proprio corpo passa a ser inhabitual, inhabitavel no exilio, aonde tudo e informacao, tudo e passageiro e nada permanente. O que concorda com a experiencia grega da reflexao filosofica, (este exilio do pensamento), a partir da qual tudo e visto como fluxo, (tudo flui), e a partir da qual apenas vemos sombras. Nada no exilio merece confianca, (nem nosso proprio corpo, nem, muito menos, nossa propria mente). E portanto tudo pode ser alterado. O exilado e revolucionario e o e espontaneamente. Por isto os nativos do exilio se desconfiam dele com razao: sua mera presenca ameaca o habito, a bonitez da Nova Terra.

.....

Toda Terra penetrada pelo exilado e, para ele, Terra Nova. Descobriria ele a America, por onde quer que se dirija. E ele o unico verdadeiro americano. Para os nativos, no entanto, toda terra tem sua propria especificidade, isto e: habitos especificos que a encobrem. Do ponto de vista do exilado, ha dois tipos de Terras Novas. Terras que se tomam, por habito, por terras de exilio, (por exemplo a propria America), e terras que se tomam, por habito, por terras antigas, (isto e "sagradas"). Se o exilado penetra terra dita de "exilio", vai ele revelar aos nativos quanto saõ antigos. E se terra dita "sagrada", vai ele revelar aos nativos quanto a sua sacralidade e produto de habito encrustado. Sua mera chegada vai rasgar a cobertura do habito e provocar terremotos. Isto e importante para quem quer compreender fenomenos como o saõ os boat people, os palestineses, os operarios estrangeiros ou os nordestinos em S. Paulo. Mas e importante tambem para a comprensao de outro tipo de fenomenos, do qual falarei mais tarde.

.....

O exilado e desenraizado e desenraiza. Trata-se de processo vegetal que podemos observar quando arvores saõ transplantadas. Mas pode ser que o exilado se de conta que o homem nao e arvore, e que a dignidade humana e precisamente a capacidade de cortar as raizes que o condicionam. Que o homem, ao contrario da arvore, pode ser livre, e que a primeira liberdade e a de ir e vir: que o espirito "sopra". Pois tal descoberta inverte a relacao primitiva entre perseguidor e exilado. Antes da descoberta, o perseguidor e agente, o exilado paciente. Depois, o exilado vira ator, e o perseguidor vira vitima do seu proprio ato. O fato e que a historia e feita, nao por perseguidores, mas por exilados. Os judeus nao saõ parte da historia nazista, mas os nazistas parte da historia judia.

Mas isto nao e tudo. Quando descubro que nao sou arvore, vou resistir ao que novas raizes brotem. Esforco penoso. O habito nao e apenas cobertura, mas igualmente banho de lama gostosa a ser remexida. Toda saudade e "nostalgie de la boue", e todo contexto e habitavel. Posso me habituar a tudo: ubi bene ibi patria. O verdadeiro exilado resistira a atracao de habituar-se. Fara o esforco penosos de continuar estranho e estrangeiro, o outro dos outros.

.....

O exilado se identifica enquanto o outro dos outros. Sua identidade e sua diferenca. Pois isto obriga o nativo a identificar-se, ele tambem, pela diferenca que o distingue do exilado. A mera presenca do exilado explode a casca do "eu proprio", e abre a existencia para a diferenca, o outro. A existencia se altera. Passa a ser, nao um "ser para mim", mas um "ser para o outro". Destarte vai se estabelecer um clima dialogico em torno do exilado. Dialogo muitas vezes polemico e assassino, mas dialogo nao obstante.

Disse na minha hipotese que criar e sinonimo de processar dados. O que pretendi e dizer que informacoes novas sao produzidas por sintese de informacoes pre-existentes, e que tais informacoes sao armazenadas em memorias que passam a troca-las. Informacoes novas sao produzidas dialogicamente. (Por certo: os dados a serem processados podem estar armazenados em uma unica memoria, quando entao se tratara de dialogo "interno"). Em todo caso: o dialogo e o metodo da criatividade. O exilado provoca em torno de si situacoes de criatividade. Dialogos "externos" entre os nativos e ele, e dialogos "internos" na sua propria mente e na dos nativos. (Exemplos: New York, Jerusalem, os suburbios parisienses).

..-.-.-.-.-

Ora, a equacao "exilio=criatividade" pode ser invertida. "Criatividade=exilio". O exilado se ve obrigado a criar, e o homem criativo obrigado a ser exilado. Por isto disse, mais acima, que estas reflexoes nao se referem apenas a fenomenos como o sao os boat people ou os nordestinos em S.Paulo. Em muitos aspectos somos uma epoca de exilio: os mais velhos sao exilados da Terra dos seus netos, os humanistas exilados da Terra dos aparelhos tecnicos automatizados. E todos aqueles que criam informacao nova sao automaticamente exilados, (perturbam). Se pois formos a valorizar o exilio positivamente, o futuro se apresentara sob perspectiva mais otimista.

O nosso ambiente todo esta se tornando inhabitual e inhabitavel. Neste sentido somos exilados todos. A os que se habituam rapidamente a situacao emergente. Por isto esta ameaca tornar-se tao insipida, tediosa quanto o era a precedente. Mas ha os que se recusam a habituar-se. Os exilados. Os desenraizados. Os que se vem obrigados a criar ou morrer. A despeito dos esforcos dos bem-pensantes para normaliza-los. Sao eles o motivo deste ensaio.